

**REPRESENTAÇÕES PORTUGUESAS
INÉDITAS DAS FESTIVIDADES
CARNAVALESCAS EM ROMA NA
AURORA DO SÉCULO XVI**

**UNPUBLISHED PORTUGUESE REPRESENTATIONS OF
ROMAN CARNIVALESQUE FESTIVITIES AT THE
DAWN OF THE 16TH CENTURY**

Paulo Catarino Lopes¹

Resumo: Através do olhar perspicaz de um viajante/agente português dos alvares do século XVI, analisamos como o *Carnavale* romano enquanto fenómeno festivo transversal a toda a sociedade era, sobretudo, um eficaz instrumento político e de poder por parte da cúria papal.

Palavras-chave: Construção Identitária / Alteridade; Diplomacia; Carnaval; Roma; Início do século XVI; Política; Poder

Abstract:

¹ Doutor em História Medieval pela Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH). Atua como pesquisador do Instituto de Estudos Medievais da NOVA FCSH.

Through the insightful look of a Portuguese traveller/agent at the dawn of the 16th century, we analyse how the Roman Carnavale as cross festive phenomenon throughout society was, above all, an effective tool of policy and power by the papal curia.

Keywords: Identity construction / Otherness; Diplomacy; Carnival; Rome; Early 16th century; Politics; Power

Introdução

O presente texto resulta da análise de um manuscrito integrado na célebre *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid, onde ocupa os fólhos 136r a 227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho, que totaliza 250 fólhos e contém 39 peças².

Intitulado *Tratado que hum criado do duque de bragança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauées cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgençias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue*³, este documento constitui muito provavelmente a cópia manuscrita de um original perdido em língua portuguesa. Apesar de não incluir qualquer data, o longo manuscrito, constituído por 92 fólhos redigidos ao que tudo indica

² Veja-se CUARTERO Y HUERTA, Baltasar y MONTERO DE ESPINOSA, Antonio de Vargas-Zúñiga y (ed.). *Índice de la colección de Don Luis de Salazar y Castro*, Tomo XL. Madrid: Real Academia de la Historia, 1968, pp. 188-197.

³ In *Colección de Don Luis de Salazar y Castro*, N-76 / Varios Portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v. Madrid: Real Academia de la Historia.

por um único copista, apresenta uma caligrafia que o coloca cronologicamente na segunda metade do século XVI.

Fruto da pena de um fidalgo de nome Diogo Pinto Pereira⁴, criado do 4º Duque de Bragança, D. Jaime (1479-1532), ao serviço do qual se dirige a Roma como agente não oficial (ainda que afirme que vai em busca de mercês)⁵, o extenso relato – que passou a ser conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves*⁶ – tem por (único) destinatário precisamente o emergente duque brigantino⁷:

“E feita oração me fui apousentar A çidade onde estiuete sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauées que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Ilustrissima senhoria.”⁸

A quase totalidade do conteúdo deste testemunho reporta a acontecimentos e figuras que tiveram lugar em Itália, num arco

⁴ Sobre a autoria deste documento veja-se ALBUQUERQUE, Martim de. O mistério do Fidalgo de Chaves (Um português em Roma, 1510 - 1517). *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, nº 28 (2021), pp. 265-290.

⁵ Sobre a problemática de Diogo Pinto Pereira deslocar-se a Roma na qualidade de agente do Duque D. Jaime de Bragança veja-se: ALBUQUERQUE, Martim de. O mistério do Fidalgo de Chaves..., op. cit.; LOPES, Paulo Catarino. *Um Agente Português na Roma do Renascimento. Sociedade, Quotidiano e Poder Num Manuscrito Inédito do Século XVI*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, pp. 127-152; MATOS, Luís de. *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1956, p. 20.

⁶ A partir daqui a designação da obra surge sempre de forma abreviada: *Memórias*. A publicação da transcrição das *Memórias* teve lugar, respectivamente, em 2003 (esta acompanhada também de tradução integral do texto para italiano) e 2017: BONI, Guia. *Un Portoghese nella Roma del Cinquecento. Un viaggio tra riforma e ortodossia*. Roma: Bagatto Libri, 2003; LOPES, Paulo Catarino. *Memórias de um Fidalgo de Chaves. Um olhar português sobre a Itália do Renascimento*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2017. No presente texto, as referências serão feitas directamente a partir do manuscrito.

⁷ Em 1496, após treze anos de exílio na vizinha Castela, os descendentes do 3º duque de Bragança, D. Fernando II (1430-1483), executado a 20 de Junho de 1483 por ordem do rei D. João II de Portugal (1455-1495, soberano desde 1481), assistiram à restauração da Casa brigantina pelo novo monarca, D. Manuel I (1469-1521, rei desde 1495).

⁸ *Memórias*, fl. 139v.

temporal que podemos situar entre 1510 e 1517, período durante o qual o autor aí habitou⁹.

As pistas fornecidas por Diogo Pinto Pereira quando combinadas com os dados que hoje dispomos, permitem concluir que a redacção do texto final não tenha acontecido antes de meados de julho de 1521 e em momento posterior ao início de dezembro do mesmo ano¹⁰.

Testemunho privilegiado de um *olhar português* sobre a Roma do Renascimento no dealbar do século XVI¹¹, este singular documento reserva uma atenção especial à vivência da festa na capital da Cristandade, muito em particular ao Carnaval.

Não abundam as descrições em português sobre as festas e celebrações romanas na aurora de *Quinhentos*, sobretudo as experimentadas e narradas em primeira mão. Noutra vertente, esta problemática carece de alguma atenção por parte da actual comunidade científica de historiadores lusos.

Tendo por alicerce e pano de fundo as *Memórias* – porque, repetimos, entre 1510 e 1517, o autor experienciou, em primeira mão, as múltiplas facetas do Entrudo romano coevo –, o nosso propósito nas páginas que se seguem é observar de forma crítica a vivência das celebrações carnavalescas na capital da Cristandade

⁹ O viajante/agente luso partiu de Chaves em direcção a Roma a 21 de Maio de 1510, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517.

¹⁰ Veja-se LOPES, Paulo Catarino. *Um Agente Português na Roma do Renascimento...*, op. cit., pp. 27-64.

¹¹ Cf. CASTRO, Aníbal Pinto de. Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'. *Mare Liberum*, nº 2 (1991), pp. 7-16; EUGENIO ASENSIO. Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y León X. In: *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII (1970), pp. 7-28.

no início do século XVI e o modo como essa mesma vivência acaba por materializar e expressar o programa político pontifício, ou seja, a sua gestão do poder no coração mesmo dos Estados da Igreja.

Pretende-se, por outras palavras, problematizar o Carnaval romano da alvorada da época moderna enquanto instrumento e veículo privilegiado para a concretização da agenda político-governativa da cúria papal.

Importa salientar que a nossa abordagem metodológica deriva essencialmente da forma criteriosa e atenta como o autor elege de entre as festividades romanas, enquanto tópico central da narração, o Entrudo.

Outro vector metodológico a destacar no nosso ensaio é a consciência sempre presente do enquadramento transdisciplinar que a temática exige. Com efeito, ao efetuar uma abordagem que se quer crítica das representações carnavalescas na capital da Cristandade, durante os anos que inauguram o século XVI, num documento com a pluralidade, complexidade e riqueza narrativa das *Memórias*, é fundamental assumir como exercício constante o entrosamento do fenómeno histórico com a antropologia, a psicologia e a sociologia¹².

Ampla e diversificada, a paleta de festividades na Roma coetânea abrangia desde as procissões e as embaixadas às entradas públicas solenes, coroações ou aclamações de papas e

¹² CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

monarcas cristãos, passando pelos casamentos de membros das casas reinantes europeias, tratados de paz, alianças diplomáticas, batizados, vitórias militares (sobretudo se contra o infiel ou pela defesa de Itália e Roma), os espetáculos de aplicação da justiça civil e o falecimento e/ou sepultamento das altas figuras romanas.

Profanos ou sacros, estes momentos evocativos de celebração pública constituíram-se como plena vivência e glorificação por parte da sociedade romana de então. A leitura das *Memórias* proporciona-nos essa realidade incontornável: Roma é uma cidade em festa, seja pela via do sagrado seja pelas celebrações de carácter profano¹³. É isso que o autor transmite de forma clara a D. Jaime de Bragança.

No entanto, ao longo dos seus fólios, enquanto paradigmática exuberância de modos e de comportamentos, um cenário festivo sobreleva-se sobre todos os outros: o Carnaval. Pela mão do arguto viajante flaviense, pressentimos a inaudita dimensão e o impacto das celebrações carnavalescas na vida quotidiana romana.

Acerca do tom e do estilo das Memórias

Ao mesmo tempo que apresentam grande fluidez informativa e ecletismo de temas e situações, as *Memórias* alimentam-se diretamente do histórico e do factual. Isto faz com

¹³ Veja-se LOREN, Partridge. *The Renaissance in Rome*. London: The Everyman Art Library, 1996; PORTOGHESI, Paolo. *Roma del Rinascimento*, 2 vols.. Milano: Electa, 1971; VISCEGLIA, Maria Antonietta. *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*. Roma: Viella, 2002.

que o registro do texto se cruze com gêneros narrativos tão diversos como o relato de viagens, as memórias, a missiva (no sentido de carta de conteúdo político), a epístola de carácter pessoal, a crónica urbana (na medida em que experimenta a narração de cenas de rua e de movimentações coletivas), a relação e, por último, o relatório. Uma mistura de vários tipos de registos que, saliente-se, acontece sem sobressalto.

Diogo Pinto Pereira marca o seu texto com descrições e panoramas quase visuais, fotográficos mesmo. Privilegia não apenas o que vê, mas também as particulares emoções e atitudes inerentes. E, não raras vezes, com entusiasmo, expreso particularmente nos detalhes sobre o vivido e o observado. É em situações como estas que a sua narrativa se afasta da aridez tradicionalmente associada aos documentos oficiais.

Dotado de um estilo livre e espontâneo, o autor descreve as festividades carnavalescas de Roma com um tom pleno de vivacidade. Harmoniosamente combinados, estes atributos (tom e estilo) além de dinamizarem o discurso e emprestarem um colorido ao mesmo, humanizam o texto no seu todo.

Por outro lado, as *Memórias* deixam transparecer fortes indícios de uma consciência da importância do devir histórico enquanto fundamento e motor do desenvolvimento da sociedade humana. É a já moderna ideia da história como processo que o autor veicula no seu texto. A sua abordagem aos eventos narrados e à sociedade que contactou evidencia um modo de percepção *per*

se novo e até original em relação a formas historiográficas anteriores¹⁴.

Neste ponto é pertinente realçar a tese de Peter Burke que reclama que a historiografia renascentista introduz um novo conceito do passado, aquilo que nos dias de hoje se designa por *consciência histórica*¹⁵.

O autor é um homem de ação, que experimenta e dá primazia ao vivido. Daí na sua escrita sobressair o homem interventivo nas coisas de um mundo em acelerada mudança – o que constitui uma superior manifestação do humanismo e do *cenário* que o contextualiza, isto é, o Renascimento. É a emoção e a paixão que, com efeito, sobressaem do labor da sua pena, mais do que a arte e o domínio da escrita.

Particular destaque merece, igualmente, a concordância histórica quer dos factos narrados quer dos dados cronológicos – compare-se, a título de exemplo, as *Memórias* com as narrativas de autores coevos, em particular os historiadores Paolo Giovio (1483-1552), Francesco Guicciardini (1483-1540), considerado como o *pai* da História Moderna, e Paride de Grassi (1470-1528), sendo que este último foi mestre das cerimónias pontifícias. Já Aníbal Pinto de Castro, que se debruçou aturadamente sobre o assunto, chama a atenção para esta sintonia factual e cronológica que garante às *Memórias* um inegável valor histórico: “É

¹⁴ Cf. BAGGE, Sverre, Medieval and renaissance historiography: Break or continuity? *The European Legacy*, 2: 8, Bergen, University of Bergen/Routledge, 2010.

¹⁵ Cf. BURKE, Peter. *Formas de Historia Cultural*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

impressionante ver a coincidência dos pormenores referidos pelo Fidalgo, tanto no aspecto factual como na precisão cronológica, com os registos documentais mais seguros da época (...).”¹⁶

Em suma, as *Memórias* revelam uma nova atitude perante a vida e o conhecimento que esta veicula. A forma como o autor elabora o seu discurso está já de acordo com os atributos humanos que distinguem estes novos tempos, como a curiosidade pelo novo e pelos processos que envolvem a existência do homem em comunidade, a observação e o sentido prático da vida sem nunca perder contudo a busca da sua dimensão espiritual.

A centralidade de Roma

Quando, “a xxbj. dias andados daguosto da sobredita era de 1510”¹⁷, Diogo Pinto Pereira entra em Roma de imediato se apercebe que está perante uma cidade única, quer em termos políticos, quer a nível espiritual¹⁸. Uma urbe tão populosa, internacional e cosmopolita, que nenhuma outra capital se lhe podia comparar, nem Lisboa ou Sevilha, à época centros urbanos de carácter internacional devido ao trato que pelos seus portos passava.

¹⁶ CASTRO, Aníbal Pinto de, op. cit., p. 14.

¹⁷ *Memórias*, fl. 139v.

¹⁸ Das festas à política e à arquitectura, passando pela nuclear faceta religiosa, a bibliografia sobre Roma na aurora do século XVI é vasta. No entanto, salientamos os seguintes textos: DELUMEAU, Jean. *Rome au XVIe Siècle*. Paris: Hachete, 1975; GENSINI, Sergio. *Roma capitale (1447-1527)*. Roma: Pacini, 1994.

Roma é, sem dúvida, o centro da atenção do viajante flaviense. O que o impressiona e é alvo do seu interesse é o que se passa na multifacetada capital da Cristandade.

Desde logo, a centralidade da *mirabilia urbe* advém do facto de ser a sede espiritual do mundo cristão. Com efeito, é por via do religioso e da espiritualidade que o seu simbolismo arquétipo marca mais profundamente Diogo Pinto Pereira: no seu solo sagrado assentam as maiores igrejas do mundo e no ponto onde morreu o fundador da Igreja faz o papa Júlio II (1443-1513, pontífice desde 1503)¹⁹ erguer “a Igreja de sam Pero, que acabandosse seraa a moor edefiçio de Igreja do mundo”²⁰.

Daí que, ao chegar à capital da Cristandade, declare pleno de fervor religioso que a sua primeira acção é dirigir-se a “nossa senhora do populo a que me tinha prometido. E feita oração me fui apousentar A çidade”²¹.

Com esta referência explícita à componente religiosa no preciso momento em que entra na *Cidade Eterna*, o autor torna de imediato intrínseco à descrição da mesma a sua condição de liderança espiritual e de topónimo central no imaginário coletivo da comunidade dos fiéis. Mais do que Jerusalém ou até mesmo Constantinopla, que caíra havia pouco mais de meio século na mão do Turco tornando-se simbolicamente a sua capital. Roma

¹⁹ Nascido *Giuliano della Rovere*, Júlio II ficou conhecido como o *Papa guerreiro* ou o *Papa terrível*.

²⁰ *Memórias*, fl. 169r.

²¹ *Memórias*, fl. 139v.

era tangível, palpável, ao passo que aquelas se inscreviam no universo do apenas imaginado.

Mas a Roma que o viajante português descreve não é apenas a sede espiritual da Cristandade. É também um espaço urbano que se quer assumir como o grande eixo político da Europa, pelo menos no sentido de que todas as nações cristãs de alguma forma têm de por lá passar – e mostrar – para fazer valer as suas pretensões internacionais.

A embaixada portuguesa de 1514²² é o melhor exemplo deste estado de coisas: ao mesmo tempo que revela a capacidade de representação da casa reinante lusa, anuncia a capitalidade diplomática romana.

Apesar de terem falhado os projetos medievais de domínio universal por parte do papa e do imperador, a verdade é que o primeiro ainda tem um peso importante, sobretudo em termos de reconhecimento internacional e de resolução de conflitos e disputas entre nações (veja-se Portugal e Espanha em relação, por exemplo, à questão das ilhas de Maluco).

Por isso, embora seja inquestionável o enfraquecimento da chama da *Christianitas*, continua a vingar alto o referencial romano para o universo político internacional europeu: as casas reinantes da Europa cristã vão mostrar-se e procurar confirmação para o seu poder em Roma²³. Têm de o fazer, pois é neste palco fundador, perante o herdeiro da cátedra de S. Pedro, que

²² *Memórias*, fl. 178r a fl. 181r.

²³ E é aí também que vão *observar* os concorrentes, adversários e potenciais aliados.

encontram a legitimação última (a de carácter internacional) do seu governo e autoridade²⁴.

A par da imagem de capital da Cristandade, eis, pois, que as *Memórias* veiculam igualmente a visão da cidade dos Césares como um poderoso centro de poder que chega ao mundo renascentista a conceber-se e anunciar-se com uma dimensão de dominância, sendo, portanto, também por essa que via que desempenha no Ocidente coevo um papel preponderante no imaginário coletivo.

Noutra vertente, a visão da Roma profana e cosmopolita, ícone cultural do Renascimento, emociona igualmente o autor. Os costumes locais surpreendem-no e, num segundo momento, fascinam-no. De tal forma que não hesita em afirmar que “por Jssó hee Roma cabeça das çidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte.”²⁵

Para ele, Roma remete sempre para o conceito totalizador e totalizante de *Caput Mundi*, pois nela tudo é universal, grande e grandioso: “sam João de latrão que hee cabeça de totalas JgreJas do mundo”²⁶; “Rua de bancos que hee a mais Rica Rua que pode aver no mundo”²⁷.

Ao retratarem como a Roma da Idade Média se transforma aos poucos na Roma renascentista, ou seja, uma monumental

²⁴ *Memórias*, fl. 200v.

²⁵ *Memórias*, fl. 183v.

²⁶ *Memórias*, fl. 159v.

²⁷ *Memórias*, fl. 179r.

cidade que apesar de continuar a ser a cabeça do mundo religioso cristão assume já, em simultâneo, uma outra faceta mais temporal e profana, intimamente ligada à ascensão da arte, da cultura, das festividades de carácter popular e também das conspirações políticas que minavam as grandes capitais e cortes europeias, as *Memórias* são bem o espelho de uma época.

Por outro lado, ao narrar diversas embaixadas que chegam a Roma, o autor estende também a sua visão da cidade à dimensão civilizacional e cultural, projetando a urbe em dois sentidos de carácter antropológico: por um lado, enquanto elemento de unidade e diálogo entre as culturas europeias de base religiosa cristã; e, noutra vertente, enquanto local onde é possível contactar com o *Outro* essencialmente diferente, porque longínquo e exótico – o *Outro* nunca visto. Ambos os sentidos transformam Roma num diferencial horizonte de cultura.

Se o Atlântico é a grande via para o encontro com povos dos espaços ignotos recém-descobertos, a capital da Cristandade – na qualidade de ordenadora do continente que encabeça enquanto sua grande sede religiosa – é a via que possibilita o contacto com outros povos, europeus e não europeus. No seu seio, a Europa pode instruir-se sobre si própria.

Neste sentido, o autor veicula uma imagem de Roma como espaço por excelência para a viagem de conhecimento – como, aliás, a própria Itália a nível artístico e cultural –, ou seja, a *viagem iniciática* cuja concretização desvenda os enigmas do

mundo²⁸. Nesta medida, ir a Roma significa muito mais do que a mera deslocação objetiva a um espaço diferente. Na essência, trata-se de uma peregrinação a um lugar civilizacional nuclear, pois é o contacto que ele permite com o diferente – do mesmo continente ou de outro – que consolida a definição da própria identidade enquanto cristão. Fenómeno reforçado pelo facto de, no início do século XVI, o mecenato dos papas ter feito de Roma o principal núcleo da arte renascentista.

Ainda que aparentemente alheia ao tópico central, esta reflexão acerca do estatuto da *mirabili urbe* e, mais especificamente, do seu posicionamento na mundividência do autor, não nos afasta do nosso objeto; antes traz para primeiro plano noções e conceitos essenciais – como o de centralidade e cosmopolitismo – para o estudo dessa realidade essencialmente complexa que é a festa e, mais especificamente, o Carnaval em Roma.

O caso paradigmático do Carnaval

Na viragem do século XV para o século XVI, o Carnaval em Roma tornou-se efetivamente um fenómeno político, cultural, social e até religioso realmente único. Um acontecimento que se distingue, fazendo recurso da tese de Ana Isabel Buescu ao abordar a temática da festa e da comunicação política, por “uma espessura temporal que o inscreve num ponto preciso do devir, e

²⁸ Acerca da questão da viagem iniciática veja-se RICHARD, Jean. *Les récits de voyages et de pèlerinages*. Turnhout: Brepols, 1981.

situado numa espacialidade também ela singular que, em conjugação com o tempo, o torna único e irrepetível.”²⁹

De tal forma que constitui um momento fundador na construção do imaginário festivo contemporâneo (veja-se a actual *Via del Corso*). Dito de outro modo, a vivência do próprio Entrudo não mais voltou a ser a mesma depois desta época de transição – também neste domínio o espírito de renovação do humanismo e do Renascimento, seja em termos políticos, culturais, civilizacionais, económicos ou simplesmente lúdicos, deixou uma marca profunda.

O Carnaval romano neste período chave da história da Europa constitui uma genuína apoteose da materialização e irrupção da festa e do lúdico, de tal forma que as fronteiras entre sagrado ou o profano são difíceis de estabelecer ao ponto da indissociabilidade.

O Carnaval *per se* inscreve-se no âmbito da cultura *popular* mas também no universo do festejo religioso, campos mutuamente permeáveis como demonstraram em estudos já clássicos Jacques Heers e Mikhail Bakhtine³⁰. Todavia, nestes explosivos anos de transição e no espaço perfeitamente *sui generis* que era a Roma da época, o Entrudo representa o auge de todo um imaginário coletivo e o triunfo absoluto do *mundo ao contrário* – *il mondo a la roveschia* –, um fenómeno

²⁹ BUESCU, Ana Isabel. Festas régias e comunicação política no Portugal moderno (1521-1572), *Comunicação & Cultura*, n.º 10, 2010, p. 35.

³⁰ Cf. BAKHTINE, Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970; HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

psicossociológico que transcende barreiras sociais, culturais, políticas, religiosas e de género:

“coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba.”³¹

O Carnaval excede os obstáculos políticos no sentido em que coloca num mesmo conjunto de festividades e a partilharem da mesma emoção coletiva facções contrárias – no caso de Roma um bom exemplo são as facções políticas encabeçadas pelas famílias Orsini e Colonna, a cujas disputas o autor dedica particular atenção ao longo de todo o seu testemunho. No entanto, tal cenário não é sinónimo da inexistência de interesses estratégicos entre os detentores do poder político e a vivência do Entrudo. Muito pelo contrário. Como o autor demonstra em relação a ambos os pontífices com quem contacta durante a sua estada na capital da Cristandade, Júlio II e Leão X (1475-1521, papa desde 1513)³², o Carnaval é, no seu todo, um monumental espetáculo promovido pelo poder, o que, tratando-se de Roma, envolve diretamente a cúria³³.

³¹ *Memórias*, fl. 182r.

³² Segundo filho de Lourenço, o *Magnífico* (1449-1492), Giovanni di Lorenzo de Médici, futuro papa Leão X, foi nomeado cardeal com apenas 16 anos.

³³ As fontes coevas confirmam esta premissa. Veja-se ADEMOLLO Alessandro (ed.). *Alessandro VI, Giulio II e Leone X nel Carnevale di Roma. Documenti inediti (1499 - 1520)*. London: Elibron Classics, 2002; GRASSI, Paride. *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle ceremonie pontificie*.

Por outras palavras, o Carnaval em Roma, pela dinâmica intrínseca e na medida em que ativa uma movimentação do individual para o coletivo, desencadeia uma solidariedade pautada pela uniformização de atitudes e (decorrente desta) mobiliza a comunidade no seu todo. É justamente neste quadro que coloca em comunhão adversários políticos e, em consequência, transcende barreiras políticas.

Todavia, noutra vertente, constitui o palco por excelência da representação do poder e, conseqüentemente, do jogo político. Esta associação com a esfera política processa-se por duas vias que se interpenetram e alimentam mutuamente: em primeiro lugar, porque é precisamente o poder que está na base do seu pleno funcionamento e concretização (neste sentido, o Carnaval é, sem qualquer dúvida, um poderoso instrumento de propaganda ideológica); depois, porque o explosivo período correspondente ao Entrudo estabelece – agora na perspectiva inversa – uma via por excelência para a edificação e consolidação do poder por parte de quem o promove, ou seja, o vértice da corte clerical romana³⁴.

Neste ponto é de reter que o Carnaval na aurora da modernidade surge intimamente associado à ascensão do papado enquanto líder de um Estado secular, os Estados da Igreja, com

Roma: Tipografia della Pace, 1884. Para aprofundar esta temática consulte-se INNOCENTI, Ennio. *Storia del potere temporale dei papi*. Napoli: Grafite, 2001; RODOCANACHI, Pierre. *Histoire de Rome: une cour princière au Vatican pendant la renaissance*, Paris: Hachette, 1925.

³⁴ Veja-se PARDO, Vittorio Franchetti. *Roma: la città dei papi, dal 1417 al 1870*. Milano: Fenice, 2000, 1994; SANFILIPPO, Mario. *Il carnevale di Roma*. Milano: F. Motta, 1991; TENENTI, Alberto, TUCCI, Ugo (a cura di). *Il Rinascimento: politica e cultura*. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1996.

ambições políticas territoriais bem-marcadas, ao ponto de rivalizar com os grandes potentados italianos da época, a saber, as Repúblicas de Florença e de Veneza, o ducado de Milão e o reino de Nápoles. Na essência, o Carnaval é uma eloquente e sedutora *mostra* do poder papal, contribuindo fortemente para confirmar a cidade de S. Pedro como grande centro de poder político da época.

Pleno de cortejos públicos tão exóticos quanto grandiosos, o Entrudo romano é sinónimo de difusão e fixação internacional de uma imagem de poder por parte da cúpula governativa dos Estados da Igreja. E, por esse facto, é profundamente politizado – o sucesso político que está na sua base é fruto da mais eficaz ação governativa.

O carnaval é festa. E festa é poder. Daí que os sumos pontífices deste período de charneira na complexa e atribulada história da Europa adoptem o Entrudo como tópico político prioritário na agenda governativa do vaticano. Nestes anos explosivos, o Carnaval transforma-se, efetivamente, quer num objetivo fundamental a concretizar quer num princípio orientador ao longo dos governos pontificais, muito em particular entre Alexandre VI (1431-1503, papa de 11 de Agosto de 1492 até a data da sua morte) e Leão X³⁵.

Neste sentido, o Carnaval romano integra-se de forma absoluta na premissa de Maquiavel (1469-1527) de que o bom

³⁵ Consulte-se HEERS, Jacques. *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.

governante tem necessariamente como grande prerrogativa a necessidade de conquistar o poder, conservá-lo, exercê-lo e ainda defendê-lo³⁶.

Isento de limites e condicionamentos de ordem social, de género ou de nacionalidade, o Carnaval romano a todos deslumbra, tornando-se por isso demasiado valioso para não integrar o vértice do programa estratégico da cúria, quer enquanto fator de instrumentalização política e governativa quer enquanto elemento fundamental em termos de proveito económico³⁷ e de gestão do calendário (leia-se do quotidiano) festivo da grande urbe.

Receptáculo de toda uma linguagem e de toda uma simbólica associada à prática da autoridade³⁸, o Carnaval estabelece com o poder uma íntima relação de causa/efeito (o seu sucesso nasce de uma vontade política, para cujo fortalecimento e legitimidade acaba, num segundo momento, por contribuir de forma determinante; ou seja, as inegáveis vantagens políticas que resultam do seu enorme êxito conduzem ao aumento de poder por parte de quem o promove)³⁹.

³⁶ Cf. BEC, Christian. Introduction. In: *Machiavel, Oeuvres complètes I - Le Prince précédé des premiers écrits politiques*. Paris: Garnier, 1987, pp. 9-44; DE GRAZIA, Sebastian. *Machiavelli all'inferno*. Rome-Bari: Laterza, 1990.

³⁷ Pela actividade comercial que envolve e pelo turismo que já nesta época promove – como as *Memórias* demonstram, independentemente das motivações e da condição social, o facto é que as pessoas dirigiam-se à *Cidade Eterna* para ver e participar no, já então, célebre Carnaval romano.

³⁸ Para aprofundar a temática da representação simbólica do poder consulte-se BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989; RUSSELL, Bertrand. *O poder: uma nova análise social*. Lisboa: Fragmentos, 1993.

³⁹ Veja-se CARRIERE, Jean-Claude. *Le carnaval et la politique. Une introduction à la comédie grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1979; GATTONI, Maurizio. *Leone X e la geo-politica dello stato pontificio (1513–1521)*. Città del Vaticano: Archivio Segreto Vaticano, 2000.

Torna-se claro, por tudo isto, que boa parte da legitimidade do Carnaval enquanto fenómeno social, cultural e económico reside no domínio do político e respectivos programas estratégicos:

“a festa do campo nagueão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. E por que o papa [Leão X] mostraua deseJo de meter paz antre os Reis christãos, em hum destes caRos se Representou o templo de Jano çerrado E a statua do papa dentro com a mão aleuantada sobre figuras de homens de guerra A maneira de paz (...).”⁴⁰

Estamos, em última análise, perante um singular movimento dialético ao nível do exercício efetivo (e do controle) da autoridade política: o Carnaval é fonte e simultaneamente produto do poder. Ao mesmo tempo que se alimenta e depende da vontade e da ação política, ele próprio sustenta a esfera governativa e de potestade.

O autor fornece um exemplo paradigmático desta estreita relação (podemos mesmo falar de dependência) ao destacar que, mesmo prestes a morrer, Júlio II mantém as festividades do calendário da cidade, pois tudo deve aparentar que o poder e a autoridade se conservam inalterados e a ordem continua em vigor⁴¹. Afinal, o importante é “dar a entender aos de fora que a

⁴⁰ *Memórias*, fl. 182r.

⁴¹ Veja-se KLACZKO, Julian. *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2007.

fim de seus dias nam era tam chegada, por que compria assi por bem dos grandes negoçios”⁴²:

“Como o papa adoeço E passados çincoenta dias deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.

Era o papa Jaa mui velho, E doente de boubas, E tinha praguas nas pernas das quaes o curaua hum fisico Judeu seu priuado. E por nam poder andar a pee faziasse sempre trazer em colos domens assentado em huma cadeira. E tinha moços da estribeira mui bem despostos que ho traziam a que daua tanta Renda que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro. (...) E Jsto se fez durando sua doença. as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguro. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E entre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que caualguauão aquelle dia ao custume antiguo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preciosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estiu. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cada falso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferez de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumbradas festas forão feitas com muitos comprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam chegada, por que compria assi por bem dos grandes negoçios [...] passado o dia dentruído em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi

⁴² *Memórias*, fl. 168r.

sepultado na Igreja de São Pedro. com solenes exequias.”⁴³

Também o papa Leão X, destacada figura da poderosa família dos Médici, não perde uma oportunidade tão preciosa como o Carnaval para promover a sua Casa e os seus interesses familiares e clientelares⁴⁴. Isto porque a festa inscreve-se no domínio dos costumes e da cultura, tópicos que na Itália do Renascimento, significam política e, inevitavelmente, poder.

Com ambições bem determinadas, o vigário de Cristo oriundo da magnificente Florença conserva esta máxima como princípio orientador ao longo de todo o seu pontificado. É o regresso efetivo a Roma do imperial *panem et circenses*:

“aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualquando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vai ençima delle leua na mão com que ho guoverna. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguoa se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jssó Açinte lhes deitão aguoa nas Ruas pera Rir com elles. E a esta

⁴³Memórias, fls. 167v. e 168r.

⁴⁴ Veja-se FALCONI, Carlo. *Leone X. Giovanni de' Medici*. Milano: Rusconi, 1987; FERRAJOLI, Alessandro. *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*. Roma: Bulzoni, 1984.

causa os que vem detras passam adiante. chegando ao paleo acontece estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer chegar a elle. E o que vem maes atras chega E vence.”⁴⁵;

Teatralização do poder papal? Sem dúvida! Mas com um alcance notável ao nível dos resultados, pois todos os momentos envolvem de uma forma ou de outra a participação abonatória da cúpula religiosa da Cristandade.

O Carnaval romano assemelha-se a um monumental triunfo do papa e da cúria, bem como do povo que lidera. A grandiosidade que exprime, a alegria contagiante que dissemina, o espírito que lhe subjaz e a magnificência *régia* que propagandeia ao mesmo tempo que simbolizam e veiculam uma sólida imagem de poder, estão de acordo com o espírito humanista e renascentista que caracteriza a Itália e em particular a Roma de então, apesar dos sangrentos conflitos que à época devastam a Península. Durante o Carnaval os Estados da Igreja dão-se em espectáculo e à boa maneira da *Mirabilia Vrbis* renascentista, o espectáculo é muito bem acolhido:

“todos estes paleos deram prazer (...). os paleos dos caualos barbaros [,] eguoas, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [.] estes paleos estão em huma muito comprida aste, E são do comprimento da mesma aste. E na parte do alto da aste estão pintadas as figuras daquelles que os coRem.”⁴⁶

⁴⁵ *Memórias*, fl. 182r.

⁴⁶ *Memórias*, fl. 182r.

Apoteótico triunfo do corpo, do profano e do selvagem humano, o Carnaval é transversal a toda a sociedade romana e envolve as múltiplas facetas da sua existência, como os jogos, a alimentação, o vestuário, as competições equestres, as corridas de touros, os desfiles de carros triunfais e as representações teatrais, geralmente de uma farsa ou uma paródia:

“Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez çidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E çidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees.”⁴⁷

Tudo fervilha de vida e alegria nas ruidosas praças e ruas de Roma durante o Carnaval. Pressente-se esta vibração, que muito deve à observação empírica e à experiência em primeira mão, nas descrições do autor para quem a *Cidade Eterna* remete sempre para os conceitos de colossal e magnificente⁴⁸. Roma não se apresenta aqui apenas como sinónimo de mundo. Ela é, insistimos, *Caput Mundi*⁴⁹.

⁴⁷ *Memórias*, fl. 177v e fl. 178r.

⁴⁸ Veja-se DESWARTE, Sylvie. *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*. Lisboa: Academia das Ciências, 1988; Idem, *Un Nouvel Age d'Or: la Glorie des Portugais à Rome Sous Jules II et Léon X*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.

⁴⁹ Consulte-se GREGOROVIVUS, Ferdinand. *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534. Roma: Newton Compton Italiana, 1972.

Segundo o viajante flaviense, esse estatuto de “cabeça das cidades do mundo”⁵⁰ advém precisamente do facto de ser *diferente* ao nível do juízo moral e da avaliação das práticas e dos costumes, situação tanto mais insólita tratando-se da capital da Cristandade mas a que não é alheia o facto de à época o topo da Igreja estar a viver uma profunda fase de mundanização e temporalidade⁵¹.

O calendário festivo e de celebração desta *singular* urbe constitui-se num autêntico quotidiano dentro do quotidiano⁵². Com efeito, pela espectacularidade que assumem, pela importância de que se revestem e pela frequência com que ocorrem, as festividades romanas continuamente surpreendem e fascinam o autor. E, neste quadro, o Carnaval destaca-se como o ponto culminante (e definidor) quer das festas, quer da vida comunitária⁵³. Nem a Quaresma, de cuja eficácia é condição, o ultrapassa:

“naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de príncipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antigo. nestes meninos se mostram totalas pedras E perlas que

⁵⁰ *Memórias*, fl. 183v.

⁵¹ Cf. BURKE, Peter. *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*. Madrid: Alianza, 1993; HALE, John Rigby. *A Civilização Europeia no Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

⁵² Para, em sentido lato, aprofundar o tema das festividades em Roma e no mundo renascentista em geral consulte-se ATTOLINI, Giovanni. *Teatro e spettacolo nel Rinascimento*. Bari: Laterza, 1988; BIAGI, Maria Cristina. *Il carnevale romano*. Roma: Ass. alla Cultura, 1988; CANTÙ, Ignazio. *Il carnevale italiano. Ovvero, teatri, maschere e feste presso gli antichi e moderni*. Milano: Vallardi, 1872; CRUCIANI, Fabrizio. *Il teatro del Campidoglio e le feste romane del 1513*. Milano: Il Polifilo, 1969; Idem. *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*. Roma: Bulzoni, 1983; JACQUOT, Jean (ed.). *Les fêtes de la Renaissance*, 3 vols.. Paris, CNRS, 1973-75; PIETTE, Albert. *Les jeux de la fête*. Paris: Publication de la Sorbonne, 1988; STRONG, Roy. *Les fêtes de la Renaissance*. Arles: Actes Sud, 1991; VAN GOUDOEVER, Jan. *Fêtes et calendrier bibliques*. Paris: Beauchesne, 1967.

⁵³ Veja-se PROIA, Alfredo. *Roma nel Rinascimento*. Roma: Tipografia Agostiniana, 1933.

os paes E parentes tem E podem aver de seus amiguos. vão com elles moços destribeira despostos E mui bem vestidos, que lhes guovernam os caualos E tem mão nelles. esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandeçentes E o senador [,] conseruadores [,] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão apee. (...) hee cousa Real pera ver.”⁵⁴

O testemunho escrito do incógnito observador luso dá a plena noção do animado Carnaval romano, bem como do elevado grau de participação do vértice – laico e clerical – da hierarquia social da cidade:

“este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manJar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queiJo. E mandam huns aos outros grandes baçios daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhoos douos. todos aquelles dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, prinçipalmente no dia dentruado em que feneçem por aquelle ano.”⁵⁵

Das cortesãs aos cardeais, passando pelos judeus, é toda uma diversificada comunidade humana (e respectivas atividades profissionais e sectores económicos) que se envolve num mesmo momento de celebração, de desregramento e desordem: “as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee

⁵⁴ *Memórias*, fl. 182r.

⁵⁵ *Memórias*, fl. 182v.

cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem.”⁵⁶

Ninguém fica de fora e nada nas festas do Carnaval romano é deixado ao acaso. Com efeito, não é fortuita a declaração do autor de que

“em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa [Leão X] E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRar a corte E aprazer ao papa.”⁵⁷

Roma é uma cidade múltipla e heterogénea, quer do ponto de vista humano e demográfico, quer em termos sociais, políticos e culturais⁵⁸. E é precisamente essa diversidade – e respectivo cosmopolitismo – que lhe garante um tão singular cunho civilizacional, em grande medida causa e consequência do humanismo e do seu pano de fundo, o Renascimento, sem que possamos ignorar toda a sua longa e milenar história. O autor revela-nos esta condição pelo clamor do coletivo júbilo carnavalesco:

“E [assim] se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Ingreme. (...) naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente. E a festa hee ordenada na maneira seguinte [,] sobem os Romanos a aquelle monte çertos touros os mais bravos

⁵⁶ *Memórias*, fl. 183v.

⁵⁷ *Memórias*, fl. 181v.

⁵⁸ Para um melhor desenvolvimento do tema da sociedade romana na viragem da Idade Média para a Modernidade consulte-se LEE, Egmont (a cura di). *La popolazione di Roma nel Rinascimento*. Roma: Università La Sapienza, 2006; PARTNER, Peter. *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*. Los Angeles: University of California Press, 1979.

que se achão E çertas carretas nas quaes poem paleos de pano de sorte de londres. o senador E conseruadores E caporiões se vão diante ao dito campo com muita Jente mui armada de luzentes armas E poem os paleos Ricos no lugar acostumado. vem Jssó mesmo os cavalos que hão de coRer E são postos na outra parte do campo mui longe dos paleos. a Jente armada se põe em ordenança. E assi toda a outra multidão. E primeiramente se coRe o paleo de borcado que hee forrado darminhos, o quall coRem os caualos barbaros que são huma casta de caualos que nam haa nestas partes de espanha. são caualos altipernos de mui pequena barrigua, o pescoço comprido E tem as ventãas fendidas. E são ligeiros mais que outra nação de caualos [.] vão cubertos de pano das cores de seus donos, scilicet, corpos, pescoços, cabeças. E a cobertura Justa A mesura do caualo. coRem nos em osso mossos de mui pequena Jdade que faz duuida crer se poderen se ter, os quaes vão vestidos de seda com as armas de seus senhores brosladas diante E detras nas costas. leuam cascos daçeiro nas cabeças por que se nam fíram se acontecer de cahir. estes são tam ensinados que guovernam seus caualos que nam sayam da caReira [.] E chegando ao paleo, o que primeiro lhe põe a mão ho guanha. E o senador que estaa presente lho Julgua, E o daa a hum de caualo da parte do que vence, o qual toma o paleo nas mãos E o leua perante a Jente. E o menino vai nas ancas deste bradando o apelido de seu senhor. esta mesma ordem se tem nos ginetes E nas eguoas, E nos caualos turcos que se coRem aquelle dia. o paleo dos ginetes hee de veludo cremesim E os das eguoas de damasco verde. os tres primeiros ganharam aquelle ano os caualos do cardeal de sena, scilicet, o de borcado E os de veludo E çetim. acabado de correr os sobreditos paleos soltaram os touros E os fazem abaixar do monte. E atras delles deitam as caRetas, as quaes deçem com tam grande Impeto que se açertam de dar nos touros, vem todos Juntos ao chão onde são Reçebidos de multidão de Jente, scilicet, os touros são alañçados dos de caualo, E os de pee vanse As carretas com as espadas sacadas pera aver os paleos E cortamos em pedaços

leuando cada hum quanto maes pode. mesturasse a Jente de tal maneira que parece batalha trauada.”⁵⁹

Na festa carnavalesca participam nobres, clérigos e elementos do povo. Homens e mulheres. Nativos e forasteiros. Sem dúvida, esta é uma das grandes atracções, que torna a vida romana e a urbe que lhe serve de cenário um horizonte de felicidade terrena para o homem europeu⁶⁰:

“do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee chegar ao paleo. E aquelle que o primeiro toca com a mão, ho leua. E o senador de Roma que estaa presente ho daa. E o vencedor torna polas sobreditas Ruas com seu paleo aleuantado triunfando da vitoria que ouve E per totalas outras de Roma.”⁶¹

Pela voz do viajante flaviense sentimos, de facto, o deslumbramento pelas cerimónias e mergulhamos no entusiasmo das festas. A sua descrição tão movimentada quanto colorida e pormenorizada coloca-nos bem no centro do fervilhar do povo e da alegria contagiante dos senhores laicos e religiosos: “os

⁵⁹ *Memórias*, fls. 182v. e 183r.

⁶⁰ Veja-se GAIGNEBET, Claude, FLORENTIN, Marie-Claude. *Le Carnaval, essais de mythologie populaire*. Paris: Payot, 1974; LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Le Carnaval de Romans. De la Chandeleur au Mercredi des cendres 1579-1580*. Paris: Gallimard, 1979; LÉVI-STRAUSS, Claude. *La voie des masques*. Paris: Plon, 1979.

⁶¹ *Memórias*, fl. 181v.

senhores barões E cidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem.”⁶²

Noutra vertente, como o autor no-lo indica através da sua própria experiência, as festividades carnavalescas na capital da Cristandade esbatem a tradicional fronteira entre o público e o privado⁶³:

“E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãas naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amigo em casa de huma fermosa cortesãa sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todolos outros comprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisões, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma.”⁶⁴

Os prazeres são múltiplos e o fausto sem limites. Não surpreende, pois, o deslumbramento do visitante, que não deixa inclusive de destacar o louvável pormenor *moral* que acompanha

⁶² *Memórias*, fl. 183v.

⁶³ Consulte-se BRUNELLI, Pier Pietro. *Carnevale e psiche*. Bergamo: Moretti & Vitali, 2008; CASTELLI, Franco, CARO BAROJA, J.. *El Carnaval: analisis historico-cultural*. Madrid: Taurus, 1965; GRIMALDI, Piercarlo. *Maschere e corpi. Tempi e luoghi del Carnevale*. Roma: Meltemi, 1997; MANZONI, Luigi. *Libro di carnevale dei secoli XV e XVI*. Bologna: Commissione per i testi di lingua, 1968.

⁶⁴ *Memórias*, fl. 184r.

tamanhos excessos e que, de alguma forma, funciona como indulgência para com os mesmos:

“E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquella noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sustenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascararas.”⁶⁵

A dado momento das festividades carnavalescas inclusive o código normativo relativo ao porte de armas – questão central numa cidade com os problemas de violência civil de Roma – beneficia de um estatuto de exceção:

“o senador E os Romanos com sua Jente armada estão quedos em seus luguares, E os que andão na escaramuça dos touros são os das mascararas de cauallo. E os de baixa sorte se vão As carretas naquelle dia [...] podem as mascararas trazer armas por Respeito do aJuntamento E do luguar ser tão apartado do pouoado de Roma. E em outro nenhum dia nam podem trazer armas nenhuma, nem pao nem outra cousa com que se presuma que possam fazer a outro ofensa alguma. [...] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara.”⁶⁶

No Carnaval esbatem-se igualmente dicotomias distintivas da sociedade romana, como a verificada entre as cortesãs⁶⁷ e as “mulheres publiças”, ou seja, as prostitutas de rua ou de bordel.

⁶⁵ *Memórias*, fl. 184r.

⁶⁶ *Memórias*, fls. 183r. e 184v.

⁶⁷ No presente texto, a designação *cortesã* reporta ao sentido original do vocábulo, que englobava a noção central e fundadora de *dama de corte*, e não ao sentido muito preciso e irreversível que o mesmo acabou por tomar na língua portuguesa.

Universos antagônicos no mundo social romano feminino, elas surgem porém nas mesmas festividades carnavalescas e partilhando o mesmo sentimento geral de alegria e celebração: “aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças.”⁶⁸

Neste quadro festivo, é permitida a troca de identidades e de géneros. A ordem do mundo e a disposição natural das coisas tornam-se assim passíveis de serem invertidas⁶⁹:

“E nestas festas as molheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee.”⁷⁰

No Carnaval da aurora de Quinhentos, a mulher romana (tal como a veneziana⁷¹) goza de uma liberdade difícil de igualar na Cristandade:

“as molheres acustumam trazer na mão huma mui sutil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauorecer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas agoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as

⁶⁸ *Memórias*, fl. 182r.

⁶⁹ Veja-se MALLÉ, Marie-Pascale (ed.). *Le monde à l'envers. Carnavals et mascarades d'Europe er de Méditerranée*. Paris/Marseille: Flammarion/MuCEM, 2014.

⁷⁰ *Memórias*, fl. 183v.

⁷¹ Para aprofundar a problemática tão rica quanto complexa e multifacetada do Carnaval veneziano na época do Renascimento consulte-se REATO, Danilo. *Storia del carnevale di Venezia*. Venise: 1988; SAVELLA, Alessandro. *Le carnaval de Venise*. Milan: Amilcar Pizzi Ed., 1986.

musicas, danças, comedias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia. ”⁷²

O Renascimento criou uma nova visão de feminilidade, não isenta de ambiguidade, e traz para a luz uma *nova mulher*⁷³, apesar de não podermos esquecer o *peso* milenar de imagens, funções sociais e limites ideológicos que continuam associados ao sexo feminino. Roma, juntamente com Veneza, é provavelmente o espaço onde este processo ganha maior dimensão e fulgor⁷⁴.

A posição e conduta femininas já não são passivas; pelo contrário. A mulher busca o seu espaço e a sua autonomia sempre que pode. Ela ocupa, sem dúvida, um lugar preeminente na sociedade de corte da época.

No Renascimento, em particular em Itália e muito em virtude da liberalização da educação e do saber decorrentes da ampla circulação do livro impresso, a mulher conheceu um singular movimento de emancipação em relação aos parâmetros sociais e culturais que predominavam nos séculos anteriores, embora sem que possamos, evidentemente, dele fazer um quadro generalizável. De tal estado de coisas dão as *Memórias* um expressivo e colorido retrato, sobretudo através da figura da cortesã e muito particularmente tendo por pano de fundo os festejos carnavalescos.

⁷² *Memórias*, fl. 183v.

⁷³ Cf. SERVADIO, Gaia. *Renaissance woman*. New York: I.B.Tauris, 2005.

⁷⁴ Cf. PANIZZA, Letizia. *Women in Italian Renaissance culture and society*. London: European Humanities Research Centre, 2000.

É certo que a partir dos finais do Renascimento, a fixidez dos papéis sexualmente definidos da mulher foi reafirmada a todos os níveis da sociedade e da cultura, não tendo, em consequência, a condição feminina progredido de forma global, antes se encaminhado novamente para um progressivo declínio – tal é, pelo menos, a pessimista visão de Margaret King sobre a mulher do Renascimento⁷⁵.

Encetadas pela Contrarreforma, a reafirmação dos princípios da doutrina católica e a severa vigilância sobre o comportamento moral dos fiéis tiveram, em relação ao lugar da mulher na sociedade, tal cenário como resultado. Todavia, nos primórdios de Quinhentos e ainda que implicitamente associada aos costumes e à mundanidade da vida urbana, a mulher romana, em particular a cortesã, surge detentora de raro poder e singular capacidade de manobra⁷⁶.

Mas o momento alto da representação da complexidade da figura do Carnaval romano verifica-se no quadro da referência pelo autor ao comportamento e ao vestuário adotados pelas mulheres aquando do início da Quaresma, por comparação ao revelado durante o período imediatamente anterior do Entrudo:

“Como o papa diz missa A quarta feira deçinza. E os cardeaes vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos.

⁷⁵ Cf. KING, Margaret L.. A Mulher Renascentista. In: GARIN, Eugenio (dir.). *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa: 1991, pp. 191-227.

⁷⁶ Cf. LARIVAILLE, Paul. *La vie quotidienne des courtisanes en Italie au temps de la renaissance (Rome et Venice, XV et XVI siècles)*. Paris: Hachette, 1975; LAWNER, Lynne. *Le cortigiane: ritratti del Rinascimento*. Milano: Rizzoli, 1988.

A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palácio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancração na via de çiuuita velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consigo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em lugar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delgado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conhecida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acostumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acostumam chapins, soamente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando acontece coRer

vento enchense os lençoes que parecem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão parecendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soamente a toalha da cabeça em lugar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E depois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita.”⁷⁷

Esta figuração específica do Carnaval romano no final do século XV e início do século XVI, aponta para uma concepção dual da *felicidade*, que podemos considerar representativa do quadro mental coevo no coração da Cristandade: por um lado, a *felicidade terrena* e a conseqüente valorização do elemento humano, quer pela exploração dos prazeres físicos e mundanos, quer pelo aproveitamento e manipulação política do fenómeno por parte de quem detém o poder; e, por outro, a forma como, num segundo momento, esta felicidade profana se impõe como condição fundamental para a plena operacionalidade da *felicidade sagrada*, ou seja, a felicidade por excelência. Dito de outro modo, se a ascese é a busca do aperfeiçoamento espiritual através do afastamento do mundo e da renúncia aos prazeres associados à vida terrena, neste contexto espaço-temporal específico, ou seja, o coração da Cristandade na aurora de Quinhentos, é precisamente

⁷⁷ *Memórias*, fls. 184r. a 185r.

pela presença da apoteose do inverso numa primeira fase que ela se concretiza.

Reside aqui, em nossa perspectiva, a originalidade da concepção de *felicidade* em Roma neste período. Premissa tanto mais válida quanto estarmos perante uma experiência individual e coletiva, que se define pela harmoniosa coerência entre as esferas do público e do privado e por uma clara ausência de antagonismo entre as instituições do espiritual e todos os grupos sociais envolvidos.

Pelo Carnaval e consequentes excessos festivos, toda a sociedade romana acede à *felicidade*, quer enquanto meta ou ideal humano em relação ao mundo terreno, quer na qualidade de realização espiritual plena.

Trata-se, saliente-se, de um estado temporário – breve –, o qual, considerado num nível puramente humano, representa uma idade do ouro no monótono calendário da vida quotidiana (se é que é possível, em qualquer nível, caracterizar como monótona a vida romana da época). Por outras palavras, trata-se da concretização momentânea de uma utopia: a de uma sociedade sem classes e sem géneros, onde o lúdico e a fruição plena dos sentidos ganham contornos de um estado equivalente ao paradisíaco. Um momento, em suma, de suspensão, que transporta o homem coevo para o mundo da felicidade plena, na medida em que após a suprema alegria terrena – e precisamente devido à sua ação, que funciona afinal como *leitmotiv* – vem

seguramente a fortuna e o absoluto contentamento espiritual. Ou seja, o contrário do que acontece no restante calendário cristão, onde o desregramento, o caos e a desordem equivalem sempre a uma penalização na esfera do sagrado. Ora, durante o Carnaval e no momento da passagem deste para a Quaresma é o perfeito oposto que acontece: a felicidade do espírito alcança a plenitude precisamente graças ao desgoverno, à libertinagem e ao tumulto trazidos pela felicidade terrena⁷⁸.

Daí que a experiência vivencial do mundo às avessas – *il mondo a la roveschia* – veiculada pelo Carnaval romano nos alvares da época Moderna, só adquire valor epistemológico se lhe juntarmos uma premissa fundadora: a felicidade⁷⁹.

Concluindo, enquanto ruptura com o quotidiano, o calendário que antecede a Quaresma em Roma é preenchido por um movimento festivo que ultrapassa diferenças sociais, de género e inclusive de religião e *nacionalidade*⁸⁰. Neste tempo de excepção, o habitante da Roma quinhentista (nativo ou forasteiro) opera uma deslocação física e mental para um universo diferenciado do seu dia-a-dia, um universo *emocional* diretamente associado à experiência dos sentidos e que se pode resumir numa palavra: felicidade.

⁷⁸ Veja-se GRINBERG, Martine, KINSER, Sam. Les combats de Carnaval et de Carême: trajets d'une métaphore. *Annales: Économies, sociétés et civilisations*, n. 38, 1983, pp. 65-98.

⁷⁹ Consulte-se ARCANGELI, Alessandro. *Passatempi rinascimentali: storia culturale del divertimento in Europa, secoli 15.-17.*. Roma: Carocci, 2004; BAKHTIN, Mikhail, op. cit.; DUBOIS, Claude-Gilbert. *L'Imaginaire de la Renaissance*. Paris: PUF, 1985.

⁸⁰ Veja-se BURKE, Peter. *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna*. Roma-Bari: Laterza, 1988; LARIVAILLE, Paul. *La vita quotidiana in Italia ai tempi di Machiavelli (Firenze e Roma)*. Milano: Rizzoli, 1995.

A euforia socializada do Carnaval romano, oficialmente sancionada, bem como a energia com que é aproveitada a situação festiva *per se* reflete a alegria e devoção absolutas com que uma comunidade participa num ato desconsagrado – com peças e carros alegóricos, música ruidosa, danças e máscaras exuberantes, jogos, trajes exóticos, alimento e bebida em quantidades extraordinárias – que na essência representa a desordem na ordem. Os temas daquela que é a mais excitada de todas as festividades mostram a absoluta alegria de virar o mundo de pernas para o ar por alguns dias, precisamente os dias antes da Quaresma, o momento mais sagrado do calendário cristão, que, afinal, só maximiza a sua operacionalidade enquanto catalisador do absoluto espiritual se tiver o Carnaval a anteceder-lo.

A felicidade espiritual, suprema por definição, apresenta, pois, como condição para a sua plenitude a desregrada, enlouquecida e completamente fora de ordem felicidade terrena veiculada em absoluto pelo *Carnevale*. A *Ordem* necessita do *Caos* para legitimar a sua natureza e a sua funcionalidade. O triunfo do espírito depende do triunfo do corpo, na medida em que este constitui a máxima expressão do festejo carnavalesco.

Como o relato de Diogo Pinto Pereira nos informa, e apenas durante uma baliza temporal rigorosamente determinada, o lúdico impõe-se como o incontornável garante da operacionalidade do espiritual. Existirá melhor prova desta premissa que a própria definição de *Quarta-feira de Cinzas* enquanto momento

exclusivamente dedicado à expiação dos pecados, à reflexão sobre o dever da mudança de vida e ao arrependimento? E que ocorre um dia após o Carnaval, ao mesmo tempo que representa o primeiro dia da Quaresma?

“A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palácio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. (...) neste primeiro dia da coesma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coesma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha.”⁸¹

Num derradeiro apontamento, e independentemente do *eterno* debate acerca da origem do nome *Carnaval*, é a noção de felicidade, temporal e espiritual, terrestre e celeste, que inscreve a cultura carnavalesca no âmbito daquilo que parece de facto ser o seu verdadeiro quadro de inserção, a religião cristã⁸².

Não é, pois, de estranhar o papel decisivo que o Entrudo desempenha na construção da ideia de Roma como miragem para o homem europeu, em particular o cristão. Falamos muito concretamente da *Mirabilia Vrbis Romae*, dimensão superlativa na qual o Carnaval assume um destacado protagonismo enquanto *extraordinária maravilha* da cidade dourada; a mesma que insiste, ainda e sempre, em prefigurar-se como centro orientador

⁸¹ *Memórias*, fls. 184r. e 184v.

⁸² Cf. FEBVRE, Lucien. *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*. Lisboa: Ed. Início, 1971.

dos destinos da Cristandade, quer no sentido puramente espiritual quer em termos de uma mundividência mais cosmopolita e temporal.

Paralela a tudo isto, na qualidade de base legitimadora, sobressai a ideia do Carnaval romano como elemento fundamental no âmbito das práticas rituais, da encenação do poder e do processo de comunicação política da cúria.

As cerimónias que preenchem o seu rico e diversificado programa – que envolvia, entre outras celebrações, touradas, corridas de cavalos, encenações teatrais e cortejos triunfais (onde os arcos e os carros temáticos mereciam grande destaque⁸³) – integravam uma coerente *linguagem* e uma sedutora *estética* de celebração da monarquia papal e de afirmação e ostentação ritual do seu poder. Na ampla, faustosa e multifacetada panóplia de meios que envolviam, os festejos carnavalescos romanos não eram senão uma pujante arma política. Ou seja, para lá do lúdico e do regozijo geral, o *Carnavale* assumia uma inquestionável dimensão política, simbólica e propagandística, pois era através dele que o papa e a cúria, bem como as mais poderosas famílias romanas, davam a ver a “todo o pouo vniversal de Roma”⁸⁴, como assinala Alberto de Carpi (1475-1531)⁸⁵, embaixador em Roma do Sacro Imperador Romano-Germânico Maximiliano I de Habsburgo, o poderio da centralidade romana. Ou seja,

⁸³ *Memórias*, fls. 167v. e 168r.

⁸⁴ *Memórias*, fl. 180r.

⁸⁵ Humanista e diplomata, Alberto Pio III de Carpi foi um príncipe italiano íntimo dos papas Médici e amigo de Pietro Bembo (1470-1547, cardeal desde 1538) e Ludovico Ariosto (1474-1533).

transmitiam aos embaixadores dos reis e dos grandes senhores europeus, aos maiores mercadores estantes em Roma, aos artistas, aos agentes em missão, em suma, a todos os que por alguma razão visitavam a urbe, a magnitude do seu poder e da sua autoridade.

Conclusão

Em Roma, a festa em geral, mas muito em particular o Carnaval, faz antever o protagonismo do mundo urbano como cenário por excelência para a festa no mundo barroco. Começa aqui o fenómeno político-social de converter a festa, por um lado, em momento ímpar de esplendor material, luxo e fantasia; e, por outro, em grande espetáculo político e de poder, no qual o povo participa como protagonista de direito.

Por altura do Carnaval, Roma engalanava-se – o conceito ontológico de identidade assume aqui um sentido antropológico dinâmico. As suas principais ruas, praças e jardins eram adornadas com ramos, flores e outros materiais perecíveis. As decorações efémeras espalhavam-se por toda a cidade:

“estas Ruas sam Repartidas antre os cardeaes // pera as mandarem apartamentar de suas tapeçarias. E hee cousa fermosa de ver tanta avondança de Ricos E diuersas estorias de panos.”⁸⁶

Havia, afinal, que acolher cuidadosamente os transeuntes. E sobretudo, dado que se tratava de festejos e rituais vistos por

⁸⁶ *Memórias*, fl. 204v e fl. 205r

nacionais e estrangeiros, havia que os transformar em poderosos (e eficazes) símbolos, quer da urbe quer da autoridade que a governava e administrava, seja do ponto de vista espiritual, seja em termos temporais.

Pela convergência participativa de uma moldura humana alargada (ou seja, composta por elementos de todos os estratos sociais) na elevação de um espírito coletivo de celebração, o Carnaval na Roma da Primavera de Quinhentos significa muito mais do que uma ruptura no ritmo da vida comunitária. Na realidade, trata-se de um fenómeno total e totalizante que se predispõe a traduzir com eloquência sem igual o cosmopolitismo que caracteriza a sua vivência quotidiana (fazendo dele um poderoso traço identitário) e, sobretudo, uma preocupação superior, ou seja, de quem detém o poder e nessa medida governa, de afirmação pública e transmissão de uma determinada mensagem política.

Por tudo isto, percebemos como o Carnaval romano nesta intensa cronologia integra-se num programa de propaganda política com objetivos bem definidos: para além da ostentação faustosa, era não apenas uma notável expressão de glória da governação curial, mas também o arauto do poder papal e de um ideal político.

O *carnavale* romano era, enfim, um instrumento de poder e de ostentação, que envolvia institucionalização, procedimentos rituais (aparato e espetáculo) e toda uma linguagem simbólica –

concebida *a priori* como meio para atingir um fim – associada à propaganda e à autoridade.

Em última análise, configurava uma encenação e uma manifestação pública ritual do poder. Um espetáculo promovido pela autoridade vigente, que tinha por propósito veicular os princípios religiosos, sociais e ideológicos pertença do *Eu* que governava – a vivência do Entrudo impunha a felicidade profana como *conditio sine qua non* para o acesso à felicidade do sagrado, sempre tendo por pano de fundo uma eficaz promoção e gestão dos festejos em termos de agenda político-governativa por parte da cúria pontifícia.

É neste quadro que se assume como uma poderosa celebração identitária (*são as festas de Roma*) e uma situação de transgressão institucionalizada, cujo objetivo final consistia invariavelmente em assegurar e configurar a ordem, o sistema social e as relações de poder.

Referências

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Martim de. O mistério do Fidalgo de Chaves (Um português em Roma, 1510 - 1517). *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, nº 28 (2021), pp. 265-290.

ARCANGELI, Alessandro. *Passatempi rinascimentali: storia culturale del divertimento in Europa, secoli 15.-17..* Roma: Carocci, 2004.

ATTOLINI, Giovanni. *Teatro e spettacolo nel Rinascimento*. Bari: Laterza, 1988.

BAGGE, Sverre. Medieval and renaissance historiography: Break or continuity? *The European Legacy*, 2: 8, Bergen, University of Bergen/Routledge, 2010.

BAKHTINE, Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970.

BEC, Christian. Introduction. In: *Machiavel, Oeuvres complètes I - Le Prince précédé des premiers écrits politiques*. Paris: Garnier, 1987, pp. 9-44.

BIAGI, Maria Cristina. *Il carnevale romano*. Roma: Ass. alla Cultura, 1988.

BONI, Guia. *Un Portoghese nella Roma del Cinquecento. Un viaggio tra riforma e ortodossia*. Roma: Bagatto Libri, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRUNELLI, Pier Pietro. *Carnevale e psiche*. Bergamo: Moretti & Vitali, 2008.

BUESCU, Ana Isabel. Festas régias e comunicação política no Portugal moderno (1521-1572), *Comunicação & Cultura*, n.º 10, 2010, p. 35.

BURKE, Peter. *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*. Madrid: Alianza, 1993.

_____. *Formas de Historia Cultural*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

_____. *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna*. Roma-Bari: Laterza, 1988.

CANTÙ, Ignazio. *Il carnevale italiano. Ovvero, teatri, maschere e feste presso gli antichi e moderni*. Milano: Vallardi, 1872.

CARRIERE, Jean-Claude. *Le carnaval et la politique. Une introduction à la comédie grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

CASTELLI, Franco, CARO BAROJA, J.. *El Carnaval: analisis historico-cultural*. Madrid: Taurus, 1965.

CASTRO, Aníbal Pinto de. Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do 'Fidalgo de Chaves'. *Mare Liberum*, nº 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16.

Colección de Don Luis de Salazar y Castro, N-76 / Varios Portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v. Madrid: Real Academia de la Historia.

CRUCIANI, Fabrizio. *Il teatro del Campidoglio e le feste romane del 1513*. Milano: Il Polifilo, 1969.

_____. *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*. Roma: Bulzoni, 1983.

CUARTERO Y HUERTA, Baltasar y MONTERO DE ESPINOSA, Antonio de Vargas-Zúñiga y (ed.). *Índice de la colección de Don Luis de Salazar y Castro*, Tomo XL. Madrid: Real Academia de la Historia, 1968, pp. 188-197.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

DE GRAZIA, Sebastian. *Machiavelli all'inferno*. Rome-Bari: Laterza, 1990.

DELUMEAU, Jean. *Rome au XVIe Siècle*. Paris: Hachete, 1975.

DESWARTE, Sylvie. *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*. Lisboa: Academia das Ciências, 1988.

_____. *Un Nouvel Age d'Or: la Glorie des Portugais à Rome Sous Jules II et Léon X*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *L'Imaginaire de la Renaissance*. Paris: PUF, 1985.

EUGENIO ASENSIO. Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y León X. In: *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII. Lisboa: Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

FALCONI, Carlo. *Leone X. Giovanni de' Medici*. Milano: Rusconi, 1987.

FEBVRE, Lucien. *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*. Lisboa: Ed. Início, 1971.

FERRAJOLI, Alessandro. *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*. Roma: Bulzoni, 1984.

GAIGNEBET, Claude, FLORENTIN, Marie-Claude. *Le Carnaval, essais de mythologie populaire*. Paris: Payot, 1974.

GATTONI, Maurizio. *Leone X e la geo-politica dello stato pontificio (1513-1521)*. Città del Vaticano: Archivio Segreto Vaticano, 2000.

GENSINI, Sergio. *Roma capitale (1447-1527)*. Roma: Pacini, 1994.

GREGOROVIVUS, Ferdinand. *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534. Roma: Newton Compton Italiana, 1972.

GRIMALDI, Piercarlo. *Maschere e corpi. Tempi e luoghi del Carnevale*. Roma: Meltemi, 1997.

GRINBERG, Martine, KINSER, Sam. Les combats de Carnaval et de Carême: trajets d'une métaphore. *Annales: Économies, sociétés et civilisations*, n. 38, 1983, pp. 65-98.

- HALE, John Rigby. *A Civilização Europeia no Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- _____. *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.
- INNOCENTI, Ennio. *Storia del potere temporale dei papi*. Napoli: Grafite, 2001.
- JACQUOT, Jean (ed.). *Les fêtes de la Renaissance*, 3 vols.. Paris, CNRS, 1973-75.
- KING, Margaret L.. A Mulher Renascentista. In: GARIN, Eugenio (dir.). *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa: 1991, pp. 191-227.
- KLACZKO, Julian. *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1903)*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2007.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Le Carnaval de Romans. De la Chandeleur au Mercredi des cendres 1579-1580*. Paris: Gallimard, 1979.
- LARIVAILLE, Paul. *La vie quotidienne des courtisanes en Italie au temps de la renaissance (Rome et Venice, XV et XVI siècles)*. Paris: Hachette, 1975.
- _____. *La vita quotidiana in Italia ai tempi di Machiavelli (Firenze e Roma)*. Milano: Rizzoli, 1995.
- LAWNER, Lynne. *Le cortigiane: ritratti del Rinascimento*. Milano: Rizzoli, 1988.
- LEE, Egmont (a cura di). *La popolazione di Roma nel Rinascimento*. Roma: Università La Sapienza, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *La voie des masques*. Paris: Plon, 1979.
- LOPES, Paulo Catarino. *Memórias de um Fidalgo de Chaves. Um olhar português sobre a Itália do Renascimento*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2017.
- _____. *Um Agente Português na Roma do Renascimento. Sociedade, Quotidiano e Poder Num Manuscrito Inédito do Século XVI*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- LOREN, Partridge. *The Renaissance in Rome*. London: The Everyman Art Library, 1996.
- MALLÉ, Marie-Pascale (ed.). *Le monde à l'envers. Carnavals et mascarades d'Europe et de Méditerranée*. Paris/Marseille: Flammarion/MuCEM, 2014.

- MANZONI, Luigi. *Libro di carnevale dei secoli XV e XVI*. Bologna: Commissione per i testi di lingua, 1968.
- MATOS, Luís de. *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1956.
- PANIZZA, Letizia. *Women in Italian Renaissance culture and society*. London: European Humanities Research Centre, 2000.
- PARDO, Vittorio Franchetti. *Roma: la città dei papi, dal 1417 al 1870*. Milano: Fenice, 2000, 1994.
- PARTNER, Peter. *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*. Los Angeles: University of California Press, 1979.
- PIETTE, Albert. *Les jeux de la fête*. Paris: Publication de la Sorbonne, 1988.
- PORTOGHESI, Paolo. *Roma del Rinascimento*, 2 vols.. Milano: Electa, 1971.
- PROIA, Alfredo. *Roma nel Rinascimento*. Roma: Tipografia Agostiniana, 1933.
- REATO, Danilo. *Storia del carnevale di Venezia*. Venice: 1988.
- RICHARD, Jean. *Les récits de voyages et de pèlerinages*. Turnhout: Brepols, 1981.
- RODOCANACHI, Pierre. *Histoire de Rome: une cour princière au Vatican pendant la renaissance*, Paris: Hachette, 1925.
- RUSSELL, Bertrand. *O poder: uma nova análise social*. Lisboa: Fragmentos, 1993.
- SANFILIPPO, Mario. *Il carnevale di Roma*. Milano: F. Motta, 1991.
- SAVELLA, Alessandro. *Le carnaval de Venise*. Milan: Amilcar Pizzi Ed., 1986.
- SERVADIO, Gaia. *Renaissance woman*. New York: I.B.Tauris, 2005.
- STRONG, Roy. *Les fêtes de la Renaissance*. Arles: Actes Sud, 1991.
- TENENTI, Alberto, TUCCI, Ugo (a cura di). *Il Rinascimento: politica e cultura*. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1996.
- VAN GOUDOEVER, Jan. *Fêtes et calendrier bibliques*. Paris: Beauchesne, 1967.
- VISCEGLIA, Maria Antonietta. *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*. Roma: Viella, 2002.

Fontes

ADEMOLLO Alessandro (ed.). *Alessandro VI, Giulio II e Leone X nel Carnevale di Roma. Documenti inediti (1499 - 1520)*. London: Elibron Classics, 2002.

GRASSI, Paride. *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle ceremonie pontificie*. Roma: Tipografia della Pace, 1884.

Tratado que hum criado do duque de bragança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauées cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Indulgencias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue. In *Colección de Don Luis de Salazar y Castro*, N-76 / Varios portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v. Madrid: Real Academia de la Historia.